

Apresentação

A série de ensaios aqui publicada sob o título *Tempo e Performance* é fruto da proposta que fizemos, Roberta Matsumoto, Maria Beatriz de Medeiros e eu, a criadores e pesquisadores de diversas áreas sugerindo que desenvolvessem uma reflexão em torno desse tema.

Convidamos, na confluência dos estudos da performance com a antropologia, John Dawsey e Luis Ferreira. Vinculados à pesquisa e à prática teatral, Silvia Davini, Renato Ferracini, Rita Gusmão, Ana Goldenstein, Rita Castro e eu produzimos artigos a partir das inquietações e desafios do teatro no século XXI. Maria Luiza Fragoso, Regina Melin e Maria Beatriz de Medeiros concebem a performance como uma categoria central no campo das artes visuais e das novas tecnologias. Fechando o círculo, a contribuição de Olgária Matos recupera a visada benjaminiana, essencial também à proposta de John Dawsey. Ambos colocam em pauta os temas da modernidade fatalizada e do encolhimento da experiência.

A impossibilidade de pensar (parar) o tempo sem anulá-lo, problematizada por Maria Beatriz de Medeiros em seu ensaio, põe em questão o estatuto de um discurso sobre o tempo na performance e exige que as estratégias da escrita e do pensamento correspondam às estratégias da ação performática, que enfrentem a possibilidade de agir contra a memória, construindo uma escrita do improviso e da espontaneidade, capaz de abrir brechas na ordem de quotidianos enfeitados.

Alguns ensaios problematizam o grau de viscosidade ou de fluidez implícitas nas velocidades midiáticas, determinantes da materialidade da presença e da comunicação: Rita Gusmão mobiliza a discussão de Virilio sobre a velocidade e a transformação da percepção a partir do advento das filmadoras, pensando a velocidade da imagem na integração espectador/obra, enquanto que Maria Luiza Fragoso, ao considerar a velocidade de transmissão de dados nas redes telemáticas, evidencia como os dados do tempo tecnologizado são determinantes estéticos de primeira grandeza.

A questão de novos universos perceptivos, sejam eles colocados em termos de micro-percepções, micro-afetações sensoriais de um corpo subjétil, como é o caso da reflexão sobre *o espaço-tempo elementar* no ensaio de Renato Ferracini, sejam eles concebidos a partir do conceito de *hecceidade* e das noções orientais de *Najimi*, *Naikan* ou *Kan'no*, na performance analisada por Rita Castro ou, na interpretação de Luis Ferreira dos *três tempos* do *candombe*: o físico, o musical e o transcendental, configuram a idéia de um corpo tão evanescente quanto a consciência e de uma consciência tão material quanto o corpo. Uma nova topografia coloca-se para além das categorias clássicas de espaço e de tempo, nas três performances: do Lume, do *seitai-ho*, e do *candombe*. O mesmo ocorre nas improvisações de *Gotham-SP* do grupo Ueinz, de cuja experimentação com o tempo emerge o conceito de presente absoluto destacado por Ana Goldenstein em seu ensaio e igualmente por mim nas considerações sobre as temporalidades instituídas pela *pop art* da década de 60.

Nas performances propostas por Regina Melin, são as noções de vida, de improvisação, de vivência partilhada com o público nas vídeo-instalações que instauram temporalidades não lineares. O texto de Silvia Davini, pensando a voz em performance, destaca na obra de Shakespeare a capacidade da palavra ser cena. O diálogo dramático como performance da fala, a fala-ação erótica de Romeu e Julieta, esclarecem e ligam-se à abordagem de Rita Gusmão, em sua análise do público.

Os temas transversais que conectam de um modo ou de outro todos os ensaios são numerosos e significativos: a crise da experiência e a relativização das fronteiras entre o cotidiano e o extraordinário, entre a margem e o centro, entre a exceção e a regra, são alguns deles. A reflexão sobre o tempo e a performance configura-se como uma abertura a diversidades que se trançam, emaranham-se, desestabilizam sentidos sedimentados e descortinam novos e surpreendentes horizontes.

Brasília, Fevereiro de 2007

Marianna Francisca Martins Monteiro

4^A CAPA

Os temas transversais que conectam de um modo ou de outro todos os ensaios do presente livro, *Tempo e performance*, são numerosos e significativos: a crise da experiência, a relativização das fronteiras entre o cotidiano e o extraordinário, entre a margem e o centro, entre a exceção e a regra. A reflexão sobre o tempo e a performance configura-se como uma abertura a diversidades que se trançam, emaranham-se, desestabilizam sentidos sedimentados, descortinam novos e surpreendentes horizontes.

A esse volume se seguirá *Espaço e performance* que completará esse quadro de reflexões.

Maria Beatriz de Medeiros e Marianna Francisca Martins Monteiro